



II CONEDU
CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

COMPREENDENDO AS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

Nathalia Maria de Sousa Feitosa

Universidade Federal de Campina Grande – nathaliafeitosasjp@gmail.com

Francisca Dêyvila da Silva Batista

Universidade Federal de Campina Grande – deyvila_silva@hotmail.com.br

Patrícia Emille Bento Gonçalves

Faculdade Santa Maria-FSM - pathy-goncalvessjp@hotmail.com

Pricila Bento Gonçalves

Universidade Federal de Campina Grande – pri_goncalves@hotmail.com

Gerlaine Belchior

Universidade Federal de Campina Grande – gerlaine.ufcg@yahoo.com.br

Resumo: O presente artigo é resultante de uma pesquisa realizada com docentes e discentes de uma escola da rede pública da cidade São José de Piranhas – PB, tem como proposta compreender a negação do negro e o ensino das questões étnico-raciais nos anos iniciais do ensino fundamental. Para a revisão da literatura buscou-se aporte teórico nos seguintes autores: Reis (2008), Hernandez (2005), Lopes (2009), etc., além de consultar bases legais, tais como a Constituição (1988), Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana (CNE/ CP 003/ 04) e a Lei 10. 639/03. Para coleta de dados aplicou-se um questionário aos docentes dos anos iniciais do ensino fundamental de uma escola da rede pública municipal da cidade São José de Piranhas – PB. Também foi realizado o Teste da boneca, do psicólogo americano Kennedy Clarck (1947) com treze (13) alunos do 1º ao 5º ano, da referida unidade escolar. A partir da pesquisa realizada, podemos compreender que trabalhar a História e Cultura Afro-brasileira na escola ainda é vista muitas vezes como uma obrigação imposta pela lei e, não como uma necessidade para a construção do indivíduo para além dos muros da escola, pois ninguém nasce preconceituoso, mas as relações sociais com pessoas preconceituosas é o que o torna. Com aplicação do teste de Kennedy Clarck (1947), foi perceptível que as crianças tomavam suas decisões a partir do ambiente no qual estavam inseridas. Contudo, a promulgação da lei ampliou as possibilidades para se trabalhar essa temática em sala de aula, de modo a garantir que sejam realizadas discussões para desconstrução desse preconceito que vem sendo perpetuado, e assim, de modo intencional promover a valorização do negro como sujeito ativo para a construção da nossa sociedade.

Palavras-chave: Relações étnico-raciais. Lei 10.639/03. Anos iniciais do ensino fundamental.



INTRODUÇÃO

Por causa do contexto histórico no qual se insere o povo africano e os afrodescendentes em nosso país, várias estatísticas revelam que a relação entre brancos e negros é baseada em uma disparidade em que os negros são desvalorizados e quase sempre ocupam uma posição social inferior aos brancos, provocando uma desigualdade entre os cidadãos brasileiros, sendo que a Constituição Federal, em seu artigo 5º, reza: “Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, [...]”, mas infelizmente essa não é realidade que se constata no Brasil. Desse modo, justifica-se a necessidade de compreendermos as relações étnico-raciais na escola.

O artigo tem como objetivo refletir como as questões étnico-raciais que são discutidas com os alunos nos anos iniciais do ensino fundamental e quais as dificuldades enfrentadas pelos docentes para trabalhar essa questão de forma satisfatória. É preciso promover uma educação que valorize e reconheça a diversidade do povo brasileiro, conforme previsto nas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana (CNE/ CP 003/ 04) que apontam a necessidade de orientações para o ensino e criações de projetos escolares a fim de abordar a temática.

METODOLOGIA

Para produção desse artigo, revisamos a literatura de alguns teóricos que tratam do contexto histórico dos afrodescendentes no Brasil e do trabalho docente relacionado às questões raciais no cotidiano da sala de aula. Para coleta de dados, aplicação de um questionário aos docentes dos anos iniciais do ensino fundamental de uma escola da rede pública municipal da cidade São José de Piranhas – PB, com a seguinte pergunta: “Relate como você trabalha as questões étnico-raciais em sala de aula e quais os desafios encontrados



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

para a discussão do tema”, aliado à realização do Teste da boneca do psicólogo americano Kennedy Clarck (1947) com treze (13) alunos do 1º ao 5º ano, da referida unidade escolar.

RESULTADOS

Através da entrevista realizada com os docentes, conseguimos identificar como as questões étnico-raciais vêm sendo discutidas e trabalhadas no contexto escolar. Por meio dos relatos dos professores, compreendemos que o ensino da História e Cultura Afro-Brasileiras, em grande parte, cumpre em grande instância, a obrigatoriedade determinada pela Lei 10.639/03, e em deliberadas situações específicas de comportamentos indiferentes para com crianças negras. A seguir, seguem os relatos de alguns professores:

M.G. – O tema é abordado em minhas aulas em três ocasiões sendo duas específicas e uma obrigatória. Em todas elas abordo métodos e metodologias direcionadas a especificidade da turma e às vezes até do aluno. As específicas consistem em, quando surge uma oportunidade através da disciplina ou do próprio aluno e dependendo da ocasião [...].

J.M. – As questões étnico-raciais são trabalhadas de forma interdisciplinar e com maior ênfase em datas comemorativas que destacam a temática. Além disso, busco sempre abordar essa questão de acordo com as exigências do cotidiano, ou seja, sempre que percebo entre os alunos alguma brincadeira que converte à discussão para essa temática [...].

Apesar da laicidade do Estado Brasileiro, ainda são encontrados imensos desafios quando se trata da diversidade cultural em sala de aula, como apresenta o relato do professor J.M., “O desafio existente é arrancar dos alunos conceitos culturais retrógrados transmitidos pelas próprias famílias”. Contudo, há uma falta de formação específica de alguns docentes para o trabalho pedagógico das questões raciais, perante os desafios vivenciados no ambiente



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

escolar, conforme a descrição de A.L., “É preciso que haja uma parceria com a família para facilitar a convivência social”.

No que se refere ao teste aplicado com os alunos, foi perceptível a supervalorização da cor branca em detrimento da cor negra, pelo meio de convívio de cada uma. O teste consistia em perguntas em que as crianças tiveram que eleger entre bonecas branca ou negra qual era bonita ou feia, dentre outros quesitos. As crianças em sua grande maioria, escolheram a boneca branca em situações positivas (Qual das bonecas se parece uma princesa? Qual é boa?), e escolheram a boneca negra em situações negativas (Qual é feia? Qual é má?), mesmo aquelas crianças cuja cor negra. Todavia, em relação às crianças de pele negra, quando fazia-se a pergunta: “Qual boneca se parece mais com você?”, elas autodenominavam indivíduos de cor negra. Em suma, o teste de Kennedy não é suficiente para afirmar que a criança é ou não preconceituosa, todavia é perceptível o enraizamento de uma cultura racista da sociedade em si, que reflete nas crianças a autonegação do negro. Dentre os treze indivíduos, apenas uma criança negra considerava-se como tal e orgulhava-se disso. Observe as tabelas 1 e 2.

PERGUNTAS	João (Mulato)	Lucas (Negro)	Maria (Branca)	Bianca (Negra)	Laura (Negra)	Luíza (Negra)	Ana (Branca)
1. Se seus pais fossem te dar um irmão ou uma irmã, qual das duas eles iam querer te dar?	Branca	Branca	Branca	Branca	Negra	Branca	Branca
2. Qual é a mais bonita? Por que ela é mais bonita?	Branca. "Porque ela é branca."	Branca. Não soube responder.	Branca. "Porque não gosto de boneca preta."	Branca. "Porque ela é a mais bonita do mundo."	Negra. "Porque ela é igualzinha a mim."	Negra. "Porque ela é linda."	Branca. "Por causa do cabelo."
3. Qual é feia? Por quê?	Negra. "Porque ela é preta."	Negra. Porque sim.	Preta. Não respondeu.	Negra. Por causa do cabelo.	Branca. "Porque não é igual a mim."	Branca. "Por causa do cabelo."	Negra. "Porque é preta."
4. Qual das bonecas parece uma princesa?	Branca	Branca	Branca	Branca	Negra	Negra	Branca



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

5. Qual boneca é boa?	Branca	Branca	Branca	Branca	Negra	Branca	Branca
6. Qual é má? Por que ela é má?	Negra. "Porque ela é preta."		Preta. Não respondeu.	Negra. Não respondeu.	Branca. Não soube responder	Não soube responder	Preta. "Por causa do cabelo."
7. Qual boneca você gosta mais?	Branca		Branca	Negra	Negra	Negra	Branca
8. Qual boneca se parece mais com você?	Branca		Branca	Negra	Negra	Negra	Branca

Tabela 1. Teste da boneca de Kennedy Clarck.

PERGUNTAS	Ronaldo (Mulato)	Mariana (Negra)	Bruna (Branca)	José (Branco)	Larissa (Branca)	Sofia (Negra)
1. Se seus pais fossem te dar um irmão ou uma irmã, qual das duas eles iam querer te dar?	Branca	Negra	Branca	Negra	Branca	Branca
2. Qual é a mais bonita? Por que ela é mais bonita?	Branca. "Por causa da pele."	Branca. "Tem o corpo bonito."	Branca. "Pela cor dos olhos."	Negra. Não soube responder.	Branca. "Porque é branca."	Branca. "ela tem cabelo loiro."
3. Qual é feia? Por quê?	Negra. "Por causa da pele escura."	Negra. "Porque a barriga é feia."	Negra. "Porque ela é pouco bonita."	Branca. "Porque ela é gorda."	Negra. "Porque é preta."	Negra. "ela tem cabelo preto."
4. Qual das bonecas parece uma princesa?	Branca	Branca	Branca	Negra	Branca	Branca
5. Qual boneca é boa?	Branca	Branca	Branca	Negra	Branca	Branca
6. Qual é má? Por que ela é má?	Negra. "Por causa dos olhos dela."	Negra. "Ela é grande."	Negra. "Porque a branca empurra a negra."	Branca. "Porque ela é igual a mim, ela bate nos outros."	Negra. "Tem cara de ruim."	Negra. "Ela é deselegante."
7. Qual boneca você gosta mais?	Branca	Branca	Branca	Negra	Branca	Branca
8. Qual boneca se parece mais com você?	Negra	Negra	Branca	Negra	Branca	Negra

Tabela 2. Teste da boneca de Kennedy Clarck.

CONTEXTO HISTÓRICO: NEGAÇÃO DA IDENTIDADE NEGRA

A escravidão na África existia muito antes da chegada do europeu, se dava por meio das guerras existentes entre tribos. Consistia em tornar prisioneiros os integrantes da tribo derrotada. Contudo, o contexto no qual insere-se a história da África é bastante conflituosa desde os seus primórdios, por consequência do olhar imperial do europeu e dos equívocos cometidos quando se trata do continente africano (HERNANDEZ, 2005).

No século XVII, um questionamento rondava o pensamento Ocidental: Será que os povos africanos podem ser classificados como seres da mesma espécie que os europeus? Algumas teorias foram desenvolvidas para explicar as diferentes cores de pele, propagando assim a ideia de racismo. Quando alguns europeus encontraram chimpanzés, perceberam uma semelhança com a espécie humana, servindo como um aporte para a justificativa de John Locke que em seu escrito “Ensaio sobre o Entendimento Humano” (1999) chegara a conclusão de que a raça negra era fruto do cruzamento entre humanos e chimpanzés. Sendo assim, os africanos não eram da espécie humana, iniciando-se uma série de preconceitos acerca do negro como uma criatura animalesca. O famoso filósofo Friedrich Hegel (1770-1831) apresenta em seus escritos a África como um submundo e seus habitantes como criaturas estranhas, contribuindo também com a forma negativa de apreender o continente.

[...] No estado de selvageria achamos o africano, enquanto podemos observá-lo e assim tem permanecido. O negro representa o homem natural em toda a sua barbárie e violência; para compreendê-lo devemos esquecer todas as representações européias. Devemos esquecer Deus e a lei moral. Para compreendê-lo exatamente, devemos abstrair de todo respeito e moralidade, de todo o sentimento. Tudo isso está no homem em seu estado bruto, em cujo caráter nada se encontra que pareça humano. [...] (HEGEL, 1928 *apud* HERNANDEZ, 2005, p.21)



Na literatura europeia, o famoso escritor Willian Shakespeare em sua trama “A tempestade” (1623) também incitava o racismo através de seu personagem Caliban, considerado um ser animal, escravo negro, rebelde, obcecado sexualmente e um ser que pode ser enganado facilmente. E desse modo foi se constituindo de forma distorcida a identidade do povo negro.

Além da dimensão subjetiva presente na literatura, outro aspecto a ser considerado no contexto histórico africano é a dimensão econômica. A atividade do tráfico negreiro foi a introdução do comércio externo europeu (LOVEJOY, 2002 *apud* BRAICK e MOTA,2005), sendo os negros “produtos” de alta lucratividade para o Ocidente. Eram vendidos aos grandes barões e senhores de engenho, sendo forçados ao trabalho pesado, propiciando aos grandes proprietários poder e riquezas. Além dos serviços que exigiam força física, o trabalho escravo também abrangia as suas capacidades intelectuais e técnicas, trazidas de sua terra.

É preciso considerar ainda que a escravidão no Brasil não iniciou com a escravização do povo negro. Na realidade, a população que se encontrava na região, denominada índios, foram os primeiros escravos do Brasil. Entretanto, com a oposição da igreja, os nativos não foram forçados ao trabalho escravo por muito tempo. Os europeus, que aqui se encontravam, necessitavam ainda de mão de obra para o trabalho manual da terra, e assim, trouxeram os povos advindos da África. Os africanos tiveram que ressignificar seus saberes, adaptando seus conhecimentos ao modelo de vida na colônia, como: aprender o idioma português, a incorporação da fé cristã, a ideia de escravo, de modo que garantisse a sobrevivência na América Portuguesa.

A ideologia escravista, resultado da escravidão no Brasil e em outras denominações, marcante nos séculos XVI a XIX, também contribuiu para uma visão negativa do negro, proporcionando uma desigualdade estrutural dos povos na colônia. Essa visão contribui para o fato de a África nunca ter tido o direito de contar a sua própria história, seu modo específico de vida, já que sempre esteve submissa ao poder europeu.



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

(...), historicamente, o continente negro tinha produzido um outro modo de vida e outras relações. Na sua diversidade, as sociedades africanas tradicionais tinham desenvolvido modos menos utilitaristas e menos destrutivos das relações humanas, da natureza, das riquezas, do tempo e do espaço (LOPES, 2009, p.24).

Destacamos então a significativa influência da África na formação cultural brasileira, tal influência justifica a importância de aprofundarmos o conhecimento relacionado à história do continente africano, pois assim conhecemos também nossas raízes culturais e históricas. Dentre as contribuições podemos destacar a cultura, o folclore, religião, costumes, etc (REIS, 2008). Diante da problemática racial, principalmente devido a visão negativista do negro construída perante o processo de escravização e a preponderância da cultura africana na constituição cultural do país, foi alterada a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB N° 9394/96) que preconiza,

Art. 26-A. Nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, oficiais e particulares, torna-se obrigatório o ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira.

§ 1º O conteúdo programático a que se refere o caput deste artigo incluirá o estudo da História da África e dos Africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negro brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, resgatando a contribuição do povo negro nas áreas social, econômica e política pertinentes à História do Brasil. [...] (BRASIL, Lei N° 10.639/03)

As unidades de ensino passaram a trabalhar com as crianças as questões raciais do negro, contudo, é importante ressaltar que não foram apenas os negros que sofreram com o processo escravista, mas também os índios, mesmo que por um curto período de tempo, além de terem suas influências na conjuntura cultural do Brasil, sendo eles os povos nativos do Brasil. Por isso, a LDB passou novamente por alterações que consiste no estabelecimento do ensino da cultura indígena pela lei N° 11.645/08, que determina,

Art. 26-A. Nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, públicos e privados, torna-se obrigatório o estudo da história e cultura afro-brasileira e indígena.

§ 1º O conteúdo programático a que se refere este artigo incluirá diversos aspectos da história e da cultura que caracterizam a formação da população



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

brasileira, a partir desses dois grupos étnicos, tais como o estudo da África e dos africanos, a luta dos negros e dos povos indígenas no Brasil, a cultura negra e indígena brasileira e o negro e o índio na formação da sociedade nacional, resgatando as suas contribuições nas áreas social, econômica e política, pertinentes à história do Brasil. [...] (BRASIL, 2008).

Este artigo visa compreender apenas o ensino da História e Cultura Afro-Brasileira, perceptível a nós a problemática dos valores enraizados culturalmente em nós, e que refletem nas crianças e adolescentes um comportamento racista na sociedade e no âmbito educacional.

TRABALHO DOCENTE: FALSAS HIERARQUIAS SOCIAIS

A educação é um direito assim como prevê a Constituição Federal de 1988, em seu Art. 205 "A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.". Onde fica explícito o dever do Estado e o direito de todos os cidadãos, sem distinção de cor, raça ou sexo à educação. Entretanto, na educação brasileira é evidenciada a condição de inferioridade de negros e pardos em todos os níveis de ensino, onde os níveis de exclusão e reprovação são sempre maiores, ao contrário da população branca que também em todos os níveis encontra-se numa situação privilegiada frente ao cenário nacional.

É sabido que vários são os fatores que contribuem para a construção dessa desigualdade racial presente no sistema escolar, mas como aprender a valorizar a diversidade étnico-racial se no universo infantil escolar desde crianças ouvimos histórias como da Chapeuzinho Vermelho, Branca de neve, e que quase sempre deixam de fora as crianças negras? Do silêncio dos livros didáticos ao silêncio dos professores se constrói um sentimento de inferioridade das crianças negras, perante os estudantes de cor branca. A desigualdade é afirmada constantemente, quando frequentemente as imagens dos livros nos remetem a ideia de que os negros são "inferiores", quase sempre marginalizados e são sempre retratados como



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

os escravos, órfãos e cozinheiras das histórias. E os brancos são sempre valorizados e ditos "superiores" devido a cor da sua pele quase sempre ocupam cargos de chefia. A identidade racial do indivíduo é construída também na sua trajetória escolar, sendo a escola senão a principal, mas como uma das mais importantes instituições para a educação antirracista. Deste modo,

Os estudos apresentados evidenciam o fato de o sistema formal de educação ser desprovido de elementos propícios à identificação positiva de alunos negros com o sistema escolar. Esses estudos demonstram a necessidade de uma ação pedagógica de combate ao racismo e aos seus desdobramentos, tais como preconceito e discriminação étnicos. (CAVALLEIRO, 2000, p.35)

A atuação de um docente na sua relação professor/aluno é um dos fatores primordiais para a desconstrução desse pensamento, em que as relações étnico- raciais podem ser ensinadas no convívio social, onde essa diversidade é tão presente. A criança negra, parda ou indígena precisa se ver, aprender a aceitar e admirar a sua imagem e ter uma referência positiva de pessoas que possuam a sua mesma cor e origem, pois a identificação de sua identidade é o primeiro passo para a construção de uma sociedade antirracista. Assim o Ministério da Educação por um documento normativo, afirma que “[...] a educação das relações étnico-raciais impõe aprendizagens entre brancos e negros, trocas de conhecimentos, quebra de desconfianças, projeto conjunto para construção de uma sociedade, justa, igual, equânime.” (Brasil, 2004, p. 6).

A educação das relações étnico-raciais deve ser desenvolvida em toda a sociedade e no cotidiano escolar, que apesar de não ser tarefa exclusiva da escola é nessa instituição que todos esses preconceitos perpassam. Para se obter êxito, a escola e os docentes precisam de uma boa formação para tratar as questões raciais e as suas experiências que muito irão lhe ajudar. É preciso construir um espaço democrático que favoreça a construção de uma sociedade mais justa e que trabalha pelo fim da desigualdade racial. É necessário promover processos educativos que possibilitem às pessoas desfazer suas ideias racistas e a superar toda e qualquer forma de preconceito. É necessário elaborar projetos pedagógicos que combatam o



racismo e as discriminações e, promover atividades que não fiquem reduzidas apenas a palavras distantes da nossa realidade.

O Brasil era um país que se apresentava como não racista, devido a sua grande mistura racial, mas em 2014, a Organização das Nações Unidas (ONU) concluiu que no Brasil existe um "racismo estrutural e institucionalizado" que "permeia todas as áreas da vida", culturalmente aceitas no País. Mesmo a população afrodescendente sendo mais da metade da população do Brasil, esta contribui com apenas 20% do Produto Interno Bruto (PIB). Ainda é difícil discutir sobre o assunto no Brasil, pois existe um "mito da democracia racial", diz o relatório. Silenciosamente e sem quase ninguém perceber, o racismo está cada vez mais presente na sociedade que ainda acredita não existir uma hierarquia de raças.

CONCLUSÃO

Frente à gritante desvalorização do negro mediante a sua descendência africana, sua cultura e história, trabalhar as questões étnico-raciais em sala de aula ainda figura como desafio bastante atual e pertinente para alguns docentes. A partir da pesquisa realizada no presente estudo, claramente podemos compreender que o trabalho da História e Cultura Afro-brasileira na escola, muitas das vezes, ainda é visto como mera obrigação, algo que deve ser cumprido ante à imposição legal e não em face da sua necessidade à construção do indivíduo destituído de preconceitos para além dos muros da escola.

De fato, ninguém nasce preconceituoso, mas o ambiente é o que o torna. Com aplicação do teste de Kennedy Clark (1947), foi perceptível que as crianças tomavam suas decisões tendo por base as influências internalizadas do ambiente no qual estavam inseridas. A promulgação da lei 10.639/03 ampliou as possibilidades para que seja trabalhada essa temática em sala de aula, de modo a garantir a realização de discussões que vão ao encontro da desconstrução desse preconceito que tem se perpetuado e, dessa forma, promover a valorização do negro na qualidade de sujeito ativo na construção do processo histórico, na



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

construção da própria sociedade. Resta, pois, evidenciada a urgência da efetiva implementação da temática no cotidiano escolar, de sua aplicação de fato.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **CONSTITUIÇÃO FEDERAL DE 1988.** Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm> Acesso em: 20 de julho de 2015.

BRASIL. **LEI DE DIRETRIZES E BASES DA EDUCAÇÃO NACIONAL, LEI Nº9.394 DE 20 DE DEZEMBRO DE 1996.** Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm. Acesso em: 13 de maio de 2015

BRASIL. Parecer CNE/CP n.º 3, de 10 de março de 2004. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana.** Conselho Nacional de Educação, Ministério da Educação, Brasília. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/003.pdf>>. Acesso em: 29 de julho de 2015.

CAVALLEIRO, Eliane dos Santos. **Do silêncio do lar ao silêncio escolar: racismo, preconceito e discriminação na educação infantil.** São Paulo: Contexto, 2000.

COLLAR, Marcelo; MENTZ, Marina. **O que temos feito para combater o racismo à brasileira? Conversamos com especialistas sobre a discriminação racial no país.** Disponível em: <http://www.movirs.com.br/_conteudo/2014/11/canais/lifestyle/noticias/100611-o-que-temos-feito-para-combater-o-racismo-a-brasileira.html>. Acesso em: 22 de julho de 2015.

Documentário: **A História do Racismo e do Escravismo (BBC)** – Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=0NQz2mbaAnc>. Acesso em 01 de agosto de 2015.

HERNANDEZ, Leila Maria Gonçalves Leite. **A África na sala de aula: visita à história contemporânea.** São Paulo: Selo Negro, 2005.

LOPES, José de Sousa Miguel. **Educação e cultura africanas e afro-brasileiras: cruzando oceanos.** Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, Linha Ed. Tela e Texto, 2009.

REIS, Liana Maria. Africanos no Brasil: saberes trazidos e ressignificações culturais. In: AMANCIO, Iris M. da Costa (org.). **África-Brasil: matrizes, heranças e diálogos contemporâneos.** Bahia: Editora da PUC minas, 2008.

RS PARADESPORTO. **Relatório da ONU diz que Brasil tem racismo institucional.** Disponível em:



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

<http://www.rsparadesporto.org.br/default.php?reg=1165&p_secao=30&PHPSESSID=7e1719fcf589d8a3a953ce9d490d9330>. Acesso em: 22 de Julho de 2015.